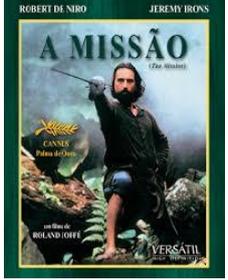




## Recensão em chave missionária do filme “A Missão”

### Ficha técnica

<b>Título (em português):</b> A Missão	
<b>Título original:</b> The Mission	
<b>Realizador:</b> Roland Joffé	
<b>Ano de lançamento:</b> 1986	
<b>País:</b> Reino Unido	
<b>Género(s):</b> Drama Histórico	
<b>Duração:</b> 126 min	
<b>Prémios:</b> BAFTA Fil Awards (melhor ator secundário: Ray MacAnally; melhor edição: Jim Clark; melhor banda sonora: Ennio Morricone); David di Donatello Awards (melhores produtores estrangeiros: Fernando Ghia, David Puttnam); Festival de Cannes (palma de ouro: Roland Joffé; grande prémio técnico: Roland Joffé); Globos de Ouro (melhor roteiro: Robert Bolt; melhor banda sonora original: Ennio Morricone); Óscares (melhor fotografia: Chris Menges).	
<b>Nomeações:</b> BAFTA Fil Awards (melhor filme; melhor direção; melhor roteiro original; melhor design de produção; melhores efeitos visuais especiais; melhor figurino; melhor fotografia; melhor som); César (melhor filme estrangeiro); Globos de Ouro (melhor filme dramático; melhor direção; melhor ator num filme dramático); Óscares (melhor filme do ano; melhor direção; melhor direção de arte; melhor edição; melhor figurino; melhor banda sonora).	
<b>Sinopse:</b> Portugal e Espanha decidem determinar as fronteiras da América do Sul (Séc. XVII), a fim de limitarem o poder dos jesuítas e, eventualmente, procederem à sua expulsão. Para este trabalho é nomeado, pela Santa Sé, o Cardeal Altamiro, que deverá definir e organizar as fronteiras. O Pe. Gabriel mergulhou na selva guarani, para contactar com os indígenas, que haviam assassinado um missionário jesuíta. Ali conheceu Rodrigo Mendonza (Robert de Niro), um antigo mercenário, comerciante de escravos que, por ter morto, em duelo, o seu próprio irmão, Felipe Mendonza (Aidan Quim), por causa de uma mulher, que os dois disputavam, Carlotta (Cherie Lunghi), se retirou para cela de um convento jesuíta, convencido que o seu pecado não tinha perdão. Seis meses passados, depois dessa reclusão voluntária, aceitou o desafio da penitência redentora, que lhe foi proposta pelo Pe. Gabriel, o que acabou por o levar a colocar-se ao serviço da comunidade local, que até então perseguira, construindo, com esse sacerdote, a missão guarani de S. Carlos, acabando, ele mesmo, por também se tornar jesuíta. Anos mais tarde, um novo tratado é assinado em Madrid, entre Portugal e Espanha, através do qual ficou oficialmente decidida a expulsão dos jesuítas e o encerramento de todas as missões. Os jesuítas, numa clara desobediência à ordem papal, que os mandara retirar, imediatamente, das missões, preferiram ficar com as comunidades, recusando-se a abandoná-los à sua sorte. Mas, dentro desta decisão, o Pe. Gabriel tomou o caminho daquilo a que chamou " <i>o caminho do amor</i> ", enfrentando os militares, elevando o Santíssimo Sacramento, sendo morto, com Jesus em suas mãos, ao passo que, Rodrigo Mendoza e os outros jesuítas da missão, renunciando aos votos, empunharam as armas, comandando os guaranis da missão de S. Carlos, na resistência à expulsão.	
<b>Trailer:</b> <a href="http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2152/trailer-19340618/">http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2152/trailer-19340618/</a>	



### **Proposta para exploração e análise missionária**

#### **Temáticas abordadas relacionadas com a missão:**

- 1 - A supressão da Companhia de Jesus quanto à sua ação nas fronteiras da fé e da missão *ad gentes* na América do Sul.
- 2 - A riqueza da ação evangelizadora da Igreja, que difundia a cultura, mormente a escrita e a música, a par da fé, nomeadamente o conhecimento da Bíblia.
- 3 - A chegada dos bandeirantes às missões jesuíticas.
- 4 - A essência perversa do ser humano, mormente o grau de desumanidade e crueldade das metrópoles europeias no processo de colonização da América latina, tratando os índios com animais selvagens, o qual resultou nas injustas estruturas sociais que hoje todos conhecem, nessa fatia subdesenvolvida do globo.
- 5 - Os jogos de poder entre a Igreja e os estados soberanos mais poderosos de então, Portugal e Espanha.
- 6 - O papel da Igreja no combate à escravatura, pois, este filme mostra como as missões são a tentativa mais bem-sucedida da Igreja Católica para cristianizar e assegurar um refúgio às populações indígenas, ameaçadas pela escravatura.
- 7 - O ódio que o Marquês de Pombal tinha para com os jesuítas. De facto, a Companhia de Jesus, permeava todo o cenário colonial, quer no campo económico, pacificando e habilitando a mão-de-obra indígena, quer no campo político, exercendo forte influência junto à Coroa Portuguesa, e participando nas mais importantes decisões da época. Perante este "domínio" religioso, económico, cultural e político da congregação jesuíta, Marquês de Pombal marcou a sua posição hostil, manifesta no filme "a Missão".
- 8 - As três características marcantes da ordem missionária jesuíta: a primazia da obediência, o sentido de organização e a espiritualidade como ação.

#### **Público-alvo/destinatários:**

O público-alvo são: os cristãos, os historiadores, os teólogos, os historiadores e todos aqueles que gostam de visualizar um bom filme, com uma trama histórico-dramática, recheada de uma excelente banda sonora e efeitos especiais, acompanhada das belas paisagens da selva guarani.

#### **Contexto histórico-político:**

O filme "A Missão" apresenta acontecimentos ocorridos nas fronteiras da Argentina, Paraguai e Brasil no ano de 1750. O cenário é a colonização da América do Sul pelos portugueses e espanhóis e o estabelecimento das fronteiras entre os dois impérios coloniais, realinhadas pelo Tratado de Madrid de 1750, que veio a substituir o já antigo e inoperante Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Ainda foram assinados três outros acordos ibéricos (não referidos neste filme), cada um substituindo o anterior, e que visava resolver essa mesma questão das fronteiras entre Portugal e Espanha: o Tratado de Paris (1763), o Tratado de Santo Ildefonso (1777) e, finalmente, o Tratado de Badajoz (1801.)

Pelo argumento do filme, portugueses e espanhóis manifestam total sintonia, unidos que estão por um objetivo comum: a exploração dos indígenas, protegidos pelas missões jesuíticas. Mas, para que este assunto seja entendido na sua trama, é bom que se saiba, desde já, que estava em questão o Tratado de Madrid que, em termos concretos consistia no seguinte: os portugueses trocavam a colónia de sacramento pelos Sete Povos, as missões guaranis jesuíticas sob domínio espanhol, que se situavam na margem esquerda do rio Uruguai, a saber: São Nicolau, São Borja, S. Lourenço, S. Luis Gonzaga, S. Miguel (esta que aparece no filme a ser visitada pelo emissário da Igreja, Cardeal Altamiro), S. João Batista e Santo Ângelo. O fim trágico destas sete missões explica-se, à época, pelo facto de se localizarem nas fronteiras entre os dois impérios em expansão. Com a proteção jesuíta, eram quase um enclave, e daí a tenacidade do Marquês de Pombal na sua eliminação. Este tratado estabelecia a transferência das



comunidades destas missões para a margem ocidental do rio Uruguai, o que representaria para os guaranis a destruição do trabalho de muitas gerações e a deportação de mais de 30.000 pessoas. Como os guaranis se recusaram a abandonar o seu lar, a 2 de fevereiro de 1756, os exércitos de Portugal e Espanha, unidos, com cerca de 3.000 homens e 10 canhões, massacraram, em combate, mais de 1.500 índios guaranis.

Tendo em conta este contexto histórico, o filme "A Missão" projeta a morte anunciada da missão de S. Carlos, que passaria a ser parte integrante do território português, o que implicava, necessariamente, o seu fim, pois foram essas as ordens que o Marquês de Pombal ditara a partir de Lisboa.

**Tempo e espaço da ação:**

O filme é uma analepse histórica (recordação histórica de acontecimentos, no regresso ao passado). Trata-se do relato dos acontecimentos ao seu escrivão, por parte do Cardeal Altamiro, enviado papal. É em volta dessa analepse, que se desenrola toda a trama, com os tempos de ação bem definidos:

**0:02:04 a 0:14:05** - Numa primeira sucessão de acontecimentos, aparece o martírio de um missionário jesuíta atirado, crucificado, às cataratas do rio Uruguai, e a apresentação da figura central do Pe. Gabriel, que vai ao encontro dos guaranis, responsáveis pelo assassinato do seu confrade, conquistando-os através da música, acabando por os submeter à vontade de Deus.

**0:14:05 a 0:26:30** - Um segundo tempo no filme, serve de apresentação da segunda personagem, também central, no desenrolar dos acontecimentos, Rodrigo Mendonza, um mercenário que traficava guaranis, mas que viu a sua vida completamente mudada, após ter assassinado o seu irmão, num duelo, consentido por lei, e pelo qual, por essa razão, não teve de prestar contas à justiça dos homens, mas se confrontou com a justiça de Deus, que lhe inquietou a consciência e lhe retirou a paz interior.

**0:26:30 a 0:48:55** - Num terceiro momento, o caminho de conversão de Rodrigo Mendonza, a sua integração na realidade missionária, ajudando na construção da missão de S. Carlos, e a sua admissão como noviço da Companhia de Jesus.

**0:48:55 a 1:02:46** - Num quarto momento, temos a primeira audiência com o Cardeal Altamiro, e a defesa por parte dos jesuítas, diante de Don Cabeza e de Hontar (representantes da Coroa Espanhola e da Coroa Portuguesa, respetivamente), sobressaindo a irreverência de Rodrigo Mendonza, e a dolorosa submissão ao voto de obediência, perante uma injustiça gritante e uma mentira gigantesca, por ele presenciada.

**01:02:46 a 01:18:25** - Num quinto momento, temos a visita do representante do papa, por sua própria exigência, às missões guaranis de S. Miguel e S. Carlos. Ao verificar a pureza e a alegria dos guaranis e a sua comunhão com a natureza, o Cardeal Altamiro acabou por desabafar, dizendo: *"não podia deixar de pensar se estes índios não teriam preferido que o mar e os ventos nunca nos tivessem trazido para cá"*.

**01:18:25 a 01:22:50** - Num sexto momento, 7 minutos apenas, mas, a meu ver, o mais forte, o mais denso e o mais dramático, porque, se o momento do conflito armado é o mais longo do filme, é o da guerra que fere os olhos, este momento, de 7 minutos apenas, fere a alma, quando os guaranis recebem ordem do Cardeal para abandonarem a missão, ameaçando, inclusive, com excomunhão, os padres jesuítas, se não abandonassem a missão também. E à pergunta do Cardeal: *"Porque hão-se eles lutar? Porque não voltam para a selva?"*

O Pe. Gabriel respondeu: *"Porque a missão é a sua casa!"*.

Nesta resposta do missionário jesuíta estava implícita a sua própria decisão de não partir, mesmo que o Cardeal tenha prevenido os jesuítas ao dizer: *"se resistirem, os jesuítas serão expulsos de Portugal. Para que a vossa ordem sobreviva em Portugal, as vossas missões tem de ser sacrificadas"*.

**01:22:50 a 01:26:04** - A decisão de Rodrigo de empunhar a sua espada, que outrora abandonara no rio, e recuperada pelo menino guarani, que sempre o acompanhava, e lhe entregou nas mãos. A luta interior



entre a obediência a que estava obrigado, enquanto noviço, e a consciência que o incentivava a empunhar a espada em defesa dos mais fracos, levou Rodrigo a fazer a opção das armas, mesmo que o Pe. Gabriel lhe tenha dito, para o desencorajar a seguir o caminho da violência: *"se morreres com as mãos sujas de sangue, trais tudo o que fizemos... entregamos a nossa vida a Deus, e Deus é amor!"*

Mas Rodrigo não cede, renunciando aos votos e avançando para a guerra, sem a bênção do Pe. Gabriel, que apenas lhe respondeu, ao negar-lha, quando a implorou: *"Se tiveres razão, terás a bênção de Deus. Se não tiveres, a minha bênção não te servirá de nada. Se a força é a razão, então o amor não tem lugar neste mundo. Pode ser assim, mas não tenho forças para viver num tal mundo"*.

**01:26:04 a 01:54:07** - O tempo mais longo do filme, a expulsão dos guaranis e a resistência oferecida na missão de S. Carlos, numa guerra desigual, com o desfecho trágico do massacre dos guaranis, do Pe. Gabriel e de Rodrigo Mendonza. Em resposta ao lamento do Cardeal, que disse que não era preciso tal massacre, Hontar, o representante português, respondeu: *"o mundo é assim!"*.

Ao que o prelado respondeu: *"o mundo não é assim, nós fizemo-lo assim! Eu fi-lo assim!"*.

**1:54:07 a 01:55:58** - O filme termina com o tempo mais curto da metragem, um sinal de esperança, num grupo de nove crianças que escapa ao massacre e parte numa canoa, como se a vida guarani, através delas, recomeçasse de novo. O encerramento final da narrativa acontece com as palavras dramáticas do cardeal, numa direta censura e autocritica perante tudo o que aconteceu, terminando a analepse, e concluindo com as últimas palavras no presente: *"Assim, Vossa Santidade, agora os vossos sacerdotes foram mortos, e eu continuo vivo. Mas, em verdade, fui eu que morri, e eles continuam vivos. Porque, como sempre, Vossa Santidade, o espírito dos mortos sobrevive, na memória dos vivos!"*

Já fora da narrativa, o filme deixa ainda uma última mensagem para os homens de hoje: *"Os índios da América do Sul ainda lutam para defender as suas terras e a sua cultura. Muitos dos padres que, baseados na fé e no amor, continuam a apoiar o direito dos índios à justiça, fazem-no com as suas vidas!"* E fecha com a citação de Jo 1, 5: *"a luz brilha na escuridão, e a escuridão não vencerá"*.

#### **Personagens mais importantes:**

Por ordem de importância no desenrolar do filme:

Pe. Gabriel - Missionário jesuíta e da causa do amor (Jeremy Irons).

Rodrigo Mendonza - O mercenário irreverente que se fez jesuíta (Robert de Niro).

Cardeal Altamiro - Representante do Papa (Ray McAnally).

Felipe - Irmão de Rodrigo Mendonza (Aidan Quin).

Carlotta - A mulher disputada pelos dois irmãos (Cherie Lunchi).

Hontar - Representante da Coroa Portuguesa (Ronald Pickup).

Cabeza - Representante da Coroa Espanhola (Chuck Low).

O menino Índio (Bercelio Moya).

Chefe Índio (Asuncion Ontiveros).

Jovem Jesuíta (Rolf Gray).

Comandante Português (Carlos Duplat).

Comandante espanhol (Rafael Camerano).

Os guaranis.

#### **Sentimentos/sensações provocadas pelo filme:**

**1 - Sentimento misto de revolta e admiração para com a Igreja.** Não apenas como padre católico que sou, mas como homem, muito me custou verificar o que é facto histórico: que a Igreja tenha imposto obediência aos guaranis e mesmo aos missionários jesuítas. Os jesuítas, vá que não vá, a obediência à Santa Madre Igreja, não lhes deixava outra alternativa, mas aos guaranis? É um sentimento de injustiça e de revolta que perpassa, estou certo, o coração do cinéfilo. O Cardeal Altamiro, representante do Papa, e



que também tinha pertencido à Companhia de Jesus, apesar de ter observado, *in loco*, o trabalho meritório que era realizado nas missões, decide lavar a mãos, como Pilatos. E isto de certeza que pensa todo aquele que viu este filme: a Igreja não tinha o direito de impor tal obediência, e a indignação e o espanto dos próprios guaranis (e também dos jesuítas) surge naquele desabafo do chefe indígena que disse: *"Foi pela vontade de Deus, que construímos a Missão, porque será que Deus mudou de ideia?"*.

A resposta do Cardeal foi fria, cruel e de quem sacode a água do capote: *"Não me compete saber as razões de Deus"*.

Sim, neste filme podemos ver como a Igreja, na pessoa dos seus ministros, se recusou a passar pelo martírio, preferindo o martírio dos indefesos indígenas. Lisboa e Madrid interessavam bem mais a Roma do que essas missões longínquas e inóspitas. Mas, apesar de tudo, o visualizador do filme não pode deixar de nutrir alguma simpatia pelo Cardeal Altamiro, afinal não estava no seu poder a resolução da questão, tudo estava decidido por Lisboa, Madrid e Roma. No fundo, o Cardeal, se quisermos ser duros, não passou de um fantoche nas mãos do poder, mas, se quisermos ser simpáticos, poderemos dizer que não passou de uma ovelha lançada para o meio de lobos, e que nada conseguiu fazer para defender os seus cordeiros, os guaranis. O próprio filme começa com as suas primeiras palavras, dirigidas ao Santo Padre, a quem faz uma analepse dos acontecimentos, dizendo: *"Sua Santidade, o caso que me trouxe ao ponto mais distante, que a vossa luz alcança na terra, está resolvido. Os índios estão novamente livres, para serem escravizados pelos colonos portugueses e espanhóis"*.

É caso para dizer, uma Igreja santa, na pessoa dos missionários, mas fria e calculista na pessoa das suas cúpulas. Uma Igreja que não se conforma com a injustiça, e sai em defesa dos desprotegidos, seja com o Santíssimo entre mãos ou com uma arma, em legítima defesa, mas também, e infelizmente, uma Igreja que não quer perder o poder temporal, e sacrifica os mais fracos, ajoelhando diante dos poderosos do mundo. Um misto de admiração pela pessoa dos missionários, e de reprovação perante as autoridades eclesiásticas e, no entanto, é a mesma Igreja.

**2 - A ternura que manifesta o carácter universal da linguagem musical, na hora de comunicar.** A linguagem musical é universal e ultrapassa a barreira do desconhecimento da linguagem verbal do outro. A música, da autoria de Ennio Morricone, é, de resto, um dos elementos fundamentais do filme e, naquela cena, permite ao Pe. Gabriel apresentar-se como um igual, partilhando com os indígenas a sua melodia, mesmo que lhe tenham quebrado a flauta, logo no primeiro contacto. Foi esta linguagem universal que permitiu ao Pe. Gabriel ser aceite na comunidade guarani, impedindo que este acabasse, também, crucificado e atirado à sorte das cataratas. Mais, ainda, através da música, o Pe. Gabriel quis provar que os índios não eram "animais", tal como os colonos afirmavam. Isto o vemos na cena em que uma criança índia canta diante do cardeal, dos jesuítas e dos representantes das coroas portuguesa e espanhola, surpreendendo com a sua voz afinada, melodiosa e argentina. Vale a pena transcrever o diálogo imediato entre Dom Cabeza e o cardeal, e a defesa do Pe. Gabriel.

- *Don Cabeza, como é que se pode referir a esta criança como um animal?*

- *Os papagaios podem ser ensinados a falar; Eminência!*

- *Sim, mas, como se ensina um papagaio a cantar tão melodiosamente, como esta criança?*

- *Eminência, trata-se de um filho da selva, um animal com voz humana. Se fosse humano... um animal recuará perante os seus vícios. Estas criaturas são letais e lascivas. São dominadas pela espada e forçadas a laborar pelo chicote.*

- *Estas criaturas não são animais, eminência, são espirituais* - afirma Pe. Gabriel, em favor dos indígenas.

- *Espirituais? Matam os próprios filhos* - contestou D. Cabeza.

- *Isso é verdade, mas posso esclarecer* - interveio, de novo P. Gabriel - *cada homem e mulher só pode ter um filho, se nasce mais um, é logo morto. Mas não se trata de um rito animal, mas de uma questão de*



*sobrevivência. Só podem fugir com um filho cada. E de quem fogem eles? De nós! Da Escravatura!*

**3 - A coragem dos missionários.** Isto o vemos, no facto de o filme começar com o sacrifício de um jesuíta, lançado à sua sorte, nas cataratas do rio Uruguai, preso a uma cruz, como Cristo no Calvário, e como o Pe. Gabriel, ao invés de representar uma Igreja que foge, diante do perigo, representa a Igreja corajosa que não desiste de levar a toda a parte o Cristo seu Senhor, colocando-se a caminho, na mesma trajetória, no mesmo destino, no mesmo desafio, do missionário martirizado.

**4 - O absurdo de uma obediência cega, que mata a consciência.** É outro sentimento que marca o coração do que vive o filme. E isto vê-se em duas cenas. A primeira, na altura em que o irmão Rodrigo Mendonza, um simples noviço, quebra todas as regras do protocolo quando, numa audiência com o Cardeal, interrompe abruptamente Dom Cabeza e o desmente, afirmando a existência da escravatura naquelas terras. Foi obrigado, pelo Cardeal, a retratar-se, imagine-se, por ter afirmado algo que era verdade, existindo ali mesmo, no meio da audiência, escravos guarani. Recusou-se a pedir perdão, mas o Pe. Gabriel, seu mestre de noviciado, obrigou-o a fazê-lo, em nome da *"santa obediência"*. A outra cena é quando Rodrigo pede permissão ao Pe. Gabriel para empunhar as armas, a fim de defender os guaranis. O Pe. Gabriel proíbe-o, mas Rodrigo, renunciando aos votos, pediu, ao menos, a bênção do Pe. Gabriel. Este, recusando-se a conceder-lha, disse-lhe: *"Se tiveres razão, terás a bênção de Deus. Se não tiveres, a minha bênção não te servirá de nada. Se a força é a razão, então o amor não tem lugar neste mundo. Pode ser assim, mas não tenho forças para viver num tal mundo."*

Rodrigo, colheu, sem dúvida, a simpatia dos visualizadores do filme, e mesmo a minha, eu frade e sujeito ao voto de obediência, pois não aceitou observar tal voto de obediência cega, aos seus superiores e à Igreja, quando em causa estava a injustiça para com os desprotegidos e os indefesos.

**5 - Os verdadeiros animais eram, afinal, os europeus.** Assim o demonstraram, quando os soldados, diante da Igreja da missão de S. Carlos, ao verem toda aquela gente indefesa e o sacerdote chefiando aquele exército de fiéis, com Jesus nas mãos, incendiaram a Igreja e massacraram aquela multidão de mulheres e crianças, que caminhava para a morte. Mesmo depois de alguns soldados terem dito ao seu comandante: *"não viemos para isto"*.

E a resposta dele ter sido esta: *"Não me interessa! Tomem as vossas posições!"*

E, de novo, a obediência cega, neste caso, a obediência militar, a matar a consciência e a levar à prática de um crime contra a humanidade.

#### **Comentário ao filme/principais factos/tópicos para exploração missionária:**

1 - Por este filme podemos ver que a ação dos jesuítas ultrapassava a cristianização dos índios e assumia também, para além da esfera religiosa, dimensões do âmbito social, económico, artístico e educativo.

2 - As duas opções, antagónicas, dos jesuítas, a do Pe. Gabriel, que celebra a missa e, no final, segue com o Santíssimo Sacramento em suas mãos, perante os militares, que não hesitaram em incendiar a Igreja e matá-los, e a opção dos outros jesuítas, que pegaram nas armas, num gesto de legítima defesa, parecem-me igualmente aceitáveis e dignas aos olhos do espectador. Por esta razão, penso que a valorização e dignidade dos jesuítas em nada é afetada, exatamente o podemos ver pelas palavras do Pe. Gabriel, quando Rodrigo lhe pede permissão para lutar ao lado dos índios e que transcrevo pela segunda vez: *"Se tiveres razão, terás a bênção de Deus. Se não tiveres, a minha bênção não te servirá de nada. Se a força é a razão, então o amor não tem lugar neste mundo. Pode ser assim, mas não tenho forças para viver num tal mundo."*

3 - O filme "A Missão", evidência, por mais que custe reconhecer, a portugueses e espanhóis, o lado mais cruel da colonização Ibérica e as atrocidades de que os índios foram vítimas, na América do Sul. Trata-se de um fundo histórico que nos deve envergonhar, sobretudo, porque, naquela época, Portugal e Espanha, eram dois países catolicíssimos.



4 - Mas, se no filme "A Missão" é de reprovar a ação dos colonizadores, na violência e na desumanidade aplicadas sobre os indígenas, temos também uma mensagem humanista comum a todos os tempos, em que encontramos, como vimos, seres abnegados na defesa dos mais fracos, com o martírio da sua própria vida. E, neste sentido, as personagens interpretadas por Jeremy Irons (Pe. Gabriel), um jesuíta pacifista, pleno de caridade e dedicação aos outros; e por Robert de Niro (Rodrigo Mendonza) um jesuíta, que fora um mercenário, convertido à fé, inconformado e irreverente, que se recusa a sacrificar a consciência a uma obediência absurda que o impedia de defender os direitos dos indefesos guaranis, ficarão gravadas na nossa memória.

5- Bem podia o espectador ansiar pelo final feliz, que seria a vitória dos índios, e a sua libertação definitiva da escravidão e da perseguição dos invasores. A batalha foi encarniçada, por vezes os indígenas parecem ganhar vantagem, mas o seu final era previsível, tal a desproporção de forças e de meios de ambos os lados da barricada. Os índios acabaram massacrados e os que sobreviveram foram levados como escravos. Quanto aos Jesuítas, um morre, devorado pelas cataratas do rio Uruguai, Rodrigo cai baleado, depois de ter salvo uma criança em perigo, e Pe. Gabriel tomba, sem vida, com Jesus nas mãos.

6 - Há duas cenas no filme que, apesar do fim trágico da missão de S. Carlos, manifestam esperança. A primeira é quando, depois do Pe. Gabriel ter caído, sem vida, outro cristão ter tomado em mãos o Santíssimo Sacramento, porque nada pode fazer parar a presença de Jesus no meio do mundo e era imperativo continuar a marcha, mesmo contra os canhões; e outra cena é a daquele pequeno grupo de crianças, como que o resto de Israel que, escapando à morte e à escravatura, serão a esperança de que o povo guarani continuará a lutar pela sua liberdade.

4 - As palavras-chave para exploração missionária são: Missão - Jesuítas - Guaranis - Colonização - Escravatura - Obediência.

*Recensão realizada por Frei José Dias de Lima (OFM), CMAB e ANIMAG.*